



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, CAMPUS XIV, CONCEIÇÃO DO COITÉ
CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

JOELMA OLIVEIRA BRITO

AUTOETNOGRAFIA: AUTORA E SUJEITO DA PESQUISA

CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA
2023

JOELMA OLIVEIRA BRITO

AUTOETNOGRAFIA: AUTORA E SUJEITO DA PESQUISA

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Departamento de Educação, Campus XIV, Conceição do Coité, como requisito final à obtenção do grau de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Moacir Cortes Junior

CONCEIÇÃO DO COITÉ - BA

2023

Agradeço,

A Deus que me fez sonhar com esse momento, dando-me força, fé, graça e sabedoria, para enfrentar as dificuldades deparadas ao longo do caminho e, ainda, por me proporcionar mais uma conquista e o bem mais precioso que poderia receber um dia, a vida;

Aos meus pais com amor e carinho, por me ensinarem a ser forte quando precisava e chorar quando necessário. Mesmo nos momentos que eles precisaram a ser duros, fizeram isso com amor e respeito;

Aos meus irmãos, principalmente Ademilson Oliveira Brito, que foi um alicerce na minha caminhada;

Aos meus sobrinhos pelo apoio;

À minha prima Dr. Ana Neris Oliveira Brito pelo carinho incentivo e contribuição;

Aos mestres, do Departamento do Campus XIV, que transmitiram seus conhecimentos e experiências profissionais e contribuíram de forma promissora para o meu aprendizado acadêmico, em especial ao meu orientador, Prof. Dr. Moacir Cortes Junior, por ser exemplo de dedicação, de dignidade pessoal e, sobretudo, de carinho e amizade;

Às colegas-amigas, que ganhei nesse curso, por me ouvir e incentivar nos momentos de angústia, pela cumplicidade, ajuda e pelo valioso laço de amizade que espero não se romper;

Ao Departamento (instituição) da UNEB – Campus XIV, seu corpo docente, direção e administração que promove um ambiente criativo e amigável;

A todos, que direta ou indiretamente ajudaram nesse processo de conhecimento, sem essa ajuda este sonho não teria sido realizado.

.

RESUMO

Este texto apresenta uma Autoetnografia em que minha escrita se revela como o eu sujeito e objeto da pesquisa, acreditando que a suposta neutralidade científica parece desconsiderar a ciência como um fenômeno social e sua natural tendência à personalização. Saliento ainda que a preocupação na autoetnografia é focada diretamente no lugar do pesquisador objeto e produtor da pesquisa, ao mesmo tempo, realizando para isso debates originados nos diferentes pensamentos sobre os variados elementos metodológicos da produção etnográfica, considerando que o mais importante é fazer com que existam critérios e procedimentos inovadores que facilitem a pesquisa etnográfica. O texto está estruturado da seguinte forma: na seção 2, apresento o arcabouço teórico da autoetnografia como eixo fundamental para nortear todo o direcionamento deste texto; na seção 3, discorro sobre minha família e minha primeira experiência na educação no Ensino Fundamental I; na seção 4, minha narrativa é sobre o período em que fiquei ausente da escola se configurando como um “vácuo” na minha vida; na seção 5, falo sobre o período da EJA e do Ensino Médio; na seção 6, narro minha formação acadêmica na UNEB; e na última seção, a 7, faço a finalização da pesquisa em que retomo minha autoafirmação identitária, assumindo minha territorialidade e meu lugar de pertencimento.

Palavras-chave: Autoetnografia. Identidade. Educação. Formação acadêmica.

ABSTRACT

This text presents an Autoethnography in which my writing reveals itself as the subject and object of the research, believing that the supposed scientific neutrality seems to disregard science as a social phenomenon and its natural tendency towards personalization. I also emphasize that the concern in autoethnography is focused directly on the place of the researcher, object and producer of the research, at the same time, carrying out debates arising from different thoughts on the varied methodological elements of ethnographic production, considering that the most important thing is to make there are innovative criteria and procedures that facilitate ethnographic research. The text is structured as follows: in section 2, I present the theoretical framework of autoethnography as a fundamental axis to guide the entire direction of this text; in section 3, I talk about my family and my first experience in education in Elementary School I; in section 4, my narrative is about the period in which I was absent from school becoming a “vacuum” in my life; in section 5, I talk about the EJA and High School period; in section 6, I describe my academic training at UNEB; and in the last section, 7, I conclude the research in which I return to my self-affirmation of identity, assuming my territoriality and my place of belonging.

Keywords: Autoethnography. Identity. Education. Academic education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1	Figura 1. Motor de sisal de seu Salvador, meu pai.	15
2	Figura 2. O prédio da Escola Antônio Oliveira Barros, primeira escola que eu estudei.	18
3	Figura 3. Lembrança do Dia das Mães na Escola do Fundamental I.	19
4	Figura 4. Fazendo a vassoura de palha.	26
5	Figura 5. A minha turma da EJA.	30

SUMÁRIO

1	COMEÇANDO MINHAS ANDANÇAS	07
2	MINHA AUTOETNOGRAFIA: VIDA E PESQUISA ENTRELAÇADAS	09
3	EU, MINHA FAMÍLIA E MINHA PRIMEIRA ESCOLA	14
3.1	MINHA INFÂNCIA E MINHA FASE INICIAL DE ESCOLARIZAÇÃO	17
4	O VÁCUO EDUCACIONAL: Um Período sem Perspectiva	24
5	DO EJA AO ENSINO MÉDIO: DE VOLTA À ESCOLA	28
6	MINHA FORMAÇÃO ADÊMICA: EU CHEGUEI NA UNIVERSIDADE	34
7	FINALIZANDO MINHAS ANDANÇAS	39
	REFERÊNCIAS	40

1 COMEÇANDO MINHAS ANDANÇAS

Muitos são os motivos para a escolha da autoetnografia como metodologia científica e crítica para o desenvolvimento desta pesquisa. Primeiro porque tem um sentido que procura viajar para além de um fazer acadêmico, ele traz muito deste sujeito que ora se apresenta. Sujeito feminino, que desde os 9 anos de idade se viu obrigada a trabalhar no manejo do sisal para ajudar a família, e que com todas as implicações no seu processo de escolarização, conquista seu lugar em uma universidade pública aos 40 anos de idade.

A autoetnografia me permitiu uma autorreflexão de minha trajetória de vida profissional, acadêmica, educacional, cultural e social, ou seja, minha experiência vivida como mulher negra, trabalhadora, acadêmica que enfrentou e enfrenta discriminação e desigualdade nos mais variados contextos sociais (SANTOS, 2017).

Nesse sentido, este estudo tem por objetivo maior percorrer minha trajetória de vida, escolarização e formação acadêmica com narrativas e memórias que visam descrever desde minha infância, adolescência, até os dias atuais e os vínculos entre esses caminhos vividos, através de uma escrita autoetnográfica. Neste exercício de escrita em que resolvi me arriscar, permeiam em minhas narrativas, minhas paixões, minha família, e, na medida do possível, vou me permitir a uma sequência que possibilitará realizar uma (re)leitura mais ampla da minha história.

Portanto, essas narrativas se baseiam na tentativa de contextualização da minha vida pensada a partir de lembranças e fotografias de memória. Vale ressaltar que, ao me deter às lembranças e fotografias, terei que trabalhar práticas de leitura presentes em minha vida. Nesse sentido, para compreender como aconteceu minha história até aqui, é necessário que eu me permita ler cada uma dessas imagens que ficaram como memórias e foram significativas nesse meu percurso.

As histórias vividas, as vivências do cotidiano, as vivências acadêmicas, os estudos e pesquisas, e mais especificamente sobre etnografia e autoetnografia¹, que despertaram o meu interesse pela minha trajetória de vida,

¹ Agradeço ao professor Moacir, meu orientador, por me apresentar e me guiar pelos estudos etnográficos e pela autoetnografia.

principalmente em que as relações da criança são estendidas para a escola, visto que a partir desse momento, a criança fará parte de um novo núcleo. Na educação infantil, a criança vai receber o suporte e apoio afetivo para a base do seu aprendizado, é nesse momento que ela inicia o processo de aprendizagem, que vai desenvolver por muitos anos da sua vida (ARIÈS, 1981).

Motivar e levar a criança a usar a sua criatividade, explorar seus sentidos, são aspectos muito presentes na educação infantil, porém, não efetivamente completos, porque observamos nos estágios, que nem todo professor ou monitor explora a criatividade das crianças, realizando apenas atividades monótonas.

No entanto, esse é um ponto que chama muita atenção, justamente pelo processo de descoberta em que a criança passa, ou seja, que leva a criança a aprender como identificar as suas emoções e lidar com elas, nesse caso, especialmente na escola.

Como já citado acima, a metodologia empregada neste estudo é a autoetnografia, a partir da qual faço o diálogo com as teorias científicas que me ajudam a explicar quando as minhas vivências necessitam de explicações científicas que ratifiquem meus argumentos e posicionamentos nas mais diversas situações por mim vividas. Tem como base norteadora também a pesquisa qualitativa e descritiva. Como bem diz Lakatos e Marconi (2021), a revisão bibliográfica proporciona ao pesquisador a oportunidade de análise de seu problema de pesquisa considerando uma perspectiva mais abrangente, visto que serão ponderados estudos e pesquisas que apresentam validação científica sobre determinado evento.

2 MINHA AUTOETNOGRAFIA: VIDA E PESQUISA ENTRELACADAS

Por muito tempo os pesquisadores foram automatizados a procederem com a suposta neutralidade científica que não lhes permitia serem sujeitos de suas pesquisas estando presentes nelas como seres humanos de carne e osso.

A suposta neutralidade científica parece desconsiderar a ciência como um fenômeno social e sua natural tendência à personalização. O domínio técnico e os conhecimentos específicos do cientista não lhe torna um indivíduo com poder superior acima da realidade (FARIA E MENEGETTI (2010).

Considerando essa visão de uma ciência objetiva e de um cientista neutro, a autoetnografia vai na contramão dessa perspectiva possibilitando que o pesquisador se coloque dentro da pesquisa.

É possível caracterizar a autoetnografia como um tipo de abordagem metodológica que passou a ganhar maior relevância no contexto acadêmico no decorrer do fim do século XX, se tratando de uma opção interessante para ser aplicada na produção de pesquisas focadas nas ciências humanas e sociais. As atividades relacionadas a autoetnografia levam em consideração diferentes processos de pesquisa, fundamentados, epistemologicamente, em parâmetros metodológicos da etnografia e da autobiografia. Embasa-se em um posicionamento experimental do auto etnógrafo, produzindo a pesquisa de maneira crítica, se inserindo no próprio estudo produzido. Em outras palavras, observa-se então que o pesquisador não é meramente um observador do foco da pesquisa realizada, nem faz um simples registro dos eventos que acabaram ocorrendo com pessoas diferentes, ou de distintas culturas ou sociedades, se tornando então o foco e objeto de sua pesquisa (SRINIVASALU, SELLADURA e MATHAIYAN, 2019)².

² Quero explicar aqui como foi o processo de minhas leituras e escritas dos textos em língua estrangeira, mais especificamente, espanhol e inglês. Como eu não tinha nenhum conhecimento sobre as pesquisas autoetnográficas, uma vez que foi o meu orientador, o professor Moacir Côrtes, que me sugeriu fazer uma autoetnografia, eu tive que buscar textos teóricos que me embasassem. Embora meu orientador tivesse me dado alguns textos em português, não eram suficientes, na minha visão, para um capítulo teórico. Então falei com um colega do curso de inglês da UNEB, campus XIV, se ele teria como me ajudar. E ele me deu muitos textos sobre autoetnografia, só que tudo em inglês e espanhol. E eu não entendo nada em inglês, nem em espanhol. Claro que eu não os recusei. Fui ao tradutor do Google que fez a tradução e assim pude ter acesso ao conteúdo dos textos e assim pude ler e escrever sobre o que os autores tratavam.

Ainda analisando a própria terminologia do termo autoetnografia, é possível notar uma inclinação para o real conceito da palavra em questão. As lições de Santos (2017) apontam então que o termo possui origem grega, situação em que o “auto” é diretamente associado ao eu individual, se tratando de um registro da vida do próprio sujeito objetivo da pesquisa. O “ethnos” trata da concepção de povo ou de determinado grupo social ao qual a pessoa faz parte; já o “grapho” refere-se à forma de se escrever sobre determinado assunto. Sendo assim, ressalta-se que a etimologia da palavra leva a uma compreensão da existência de um processo específico que será executado, sob a forma de um relato (a forma de escrita propriamente dita), focado em determinado grupo ao qual o indivíduo faz parte (um povo ou uma sociedade), com a concepção de “si mesmo”, sob a perspectiva de quem escreve (SANTOS, 2017).

Salientando ainda que a preocupação é focada diretamente no lugar do pesquisador objeto e produtor da pesquisa, realizando para isso debates originados nos diferentes pensamentos sobre os variados elementos metodológicos da produção etnográfica, considera-se que o mais importante é fazer com que existam critérios e procedimentos inovadores que facilitem a pesquisa etnográfica (SANTOS, 2017).

Para Reed Danahay (2011), a busca por novos métodos jamais se tornou um objetivo comum dentro da área de ciências sociais, tendo em mente que sempre houve um tabu acadêmico que cria um conflito entre os etnógrafos no que diz respeito à forma de falar de si e sobre si nas pesquisas elaboradas. O esperado de uma pesquisa etnográfica é que seu autor seja capaz de realizar uma investigação de um objeto específico de maneira discreta respeitando a função de pesquisador, isto é, sendo necessário que o autor faça relatos fidedignos das situações observadas, sem comprometer as informações e ocorrências que foram investigadas.

Dessa maneira, levando-se em consideração que o autor etnógrafo acabava “dando voz” para o outro da pesquisa, o que era apontado como algo fundamental para uma pesquisa etnográfica, sem possibilitar que o pesquisador fosse capaz de realizar sua própria inserção nesse contexto sem (teoricamente) causar algum tipo de influência, fazendo ainda com que sua escuta fosse livre para todos que se encontram ao seu redor. O que possibilitava ainda uma coleta eficiente de informações e escrevendo de forma analítica a experiência vivida.

Reed-Danahay (2011), observa também que o fato de “dar voz” ao outro se constitui em um processo de grande complexidade existindo inúmeros riscos, tendo em mente que não existe a possibilidade do entrevistado e do etnógrafo manterem uma distância significativa ao se pesquisar o contexto cultural investigado. Ademais, observa-se ainda que os debates que surgem focados em questões decoloniais e no lugar do outro na pesquisa etnográfica, resultavam no surgimento de novas perspectivas para a produção desse tipo de pesquisa, existindo então uma crítica interna entre os autores desse tipo de método investigativo (AUGÈ, 2014; WALSH, 2013).

Nesse sentido, é possível compreender ainda que há um tipo característico de relação hermética entre o etnógrafo e o objeto foco de sua pesquisa, levando em consideração que esse objeto de investigação é consequente de um processo minucioso de análise de informações que é incorporado pelo autor, transformando esse processo em algo incorporado nele. Resulta, então, dos questionamentos feitos, que o pensamento se dirigiu para a relação da história de vida do etnógrafo relacionada à pesquisa produzida, e sobre a forma com que essa relação influencia no outro. Sob essa perspectiva, os estudos de Reed-Danahay (2011) apontam que também surgem problemas acadêmicos nesse contexto, levando em consideração que escrever sobre a vida pessoal do etnógrafo e dos entrevistados relacionados acaba fazendo com que exista um ambiente de debate que analisa e leva em consideração todas as questões humanísticas visando validar cientificamente a investigação realizada pelo autor.

Analisando as possibilidades mencionadas anteriormente, observa-se que os novos etnógrafos passam a se responsabilizar por diferentes disposições (e rupturas) no que diz respeito à sua posição dentro da pesquisa, passando a ter então um papel de protagonista e incluindo dados fundamentados em sua perspectiva pessoal sobre a situação foco da pesquisa, escrevendo e reescrevendo de si junto àquele contexto. Sendo assim, são criados direcionamentos que resultam em um princípio de metodologia autoetnográfica, fazendo com que existam aproximações e rupturas com diferentes formas de leitura sobre os próprios procedimentos e metodologias da pesquisa, fundamentando ainda a criação de novos parâmetros para o âmbito

epistemológico usados nas pesquisas em ciências sociais (REED-DANAHAY, 2011).

Salienta-se ainda que existe um elevado número de subnomes ou concepções resultantes dos variados métodos de pesquisa relacionados à autoetnografia. Dessa forma, segundo a concepção de Ellis e Bochner (2001, apud CHANG, 2013), ressalta-se a existência de diferentes perspectivas metodológicas fundamentadas nos elementos da autoetnografia, tais como: etnografia autobiográfica, autobiografia, auto-observação, experiência vivida, autobiografia colaborativa, contos confessionais, autobiografia crítica, etnobiografia, como diversos outros.

O elemento responsável por associar essa significativa diversidade de perspectivas metodológicas caracteriza-se por sua capacidade de relacionar o exercício autobiográfico efetuado pelo pesquisador através de uma perspectiva etnográfica. Trata-se, então, da premissa mais importante da autoetnografia, guardar em conexão a cultura e o *self* do pesquisador, mesmo em situações em que não exista um adequado equilíbrio ou imobilidade.

Para Jones (2015, p. 265), a autoetnografia deve realizar uma descrição do mundo que se encontra em movimento ininterrupto e com constantes transformações, “entre relato e contexto, escritor e leitor, crise e resolução. Cria contextos carregados de clareza, conexão e mudança”.

Nesse sentido, analisando o conceito de autoetnografia, há a possibilidade de existir diferentes conceitos que fundamentam essa metodologia, tal como os estudos de Jones (2015) sugerem, utilizando as noções sobre assuntos tratados por variados autores com o intuito de definir o sentido metodológico da autoetnografia.

Jones (2015) observa também que a metodologia autoetnográfica não é uma prática isolada no mundo, assim como as experiências pessoais ocorrerem em um ambiente cultural compartilhado. O que possibilita a utilização de citações de diferentes autores visando ter maiores conhecimentos sobre formas variadas de pensar e compreender os elementos que constituem a autoetnografia.

Dessa forma, segundo a concepção de Bossle et. al. (2009), é possível caracterizar a autoetnografia como uma ferramenta de pesquisa alternativa que foi criada através dos estudos do interacionismo simbólico realizado na Escola de Chicago durante as décadas de 1930 e 1940. Trata-se de um tipo de

etnografia que foca as pesquisas nas experiências de vida do próprio pesquisador no contexto social em que vive.

3 EU, MINHA FAMÍLIA E MINHA PRIMEIRA ESCOLA

Nesta seção, conto de minha família, meu pais, meus irmãos e eu. Minha infância na comunidade de Patos e minha primeira escola. Confesso que, por vezes, senti certa dificuldade em falar de mim mesmo em texto acadêmico. Afinal, somos treinados assim na universidade. Quando nos encontramos de orientação com o professor Moacir, que ele iria me dar retorno de minha escrita, ele dizia: “Sinto falta de você no texto. Este texto é para você contar sua história. Não fique presa a escrever teorias!”. Mas é que eu fui ensinada a quase nunca escrever sobre mim. A não ser naquela redação, do tempo de escola, de início de ano, que a professora pedia pra gente escrever sobre nossas férias! E só aí.

Na verdade, nunca fui muito de escrever. Não tinha costume de escrever cartas, nem bilhetes. Na minha casa, digo nas casa de meus pais, escrever, ler, livros, revistas, jornais nunca foram palavras, nem algo comum. Ao contrário. Nossa família sempre foi oral, ou seja, tudo era falado, nunca escrito.

Meus pais, mulher e homem negros, desde muito cedo tiveram que trabalhar duro na roça, como se diz aqui na região para quem lida com a terra. Não tiveram acesso à escola. Tiveram que trabalhar cedo para ajudar a garantir o pão dentro de casa. Assim eles cresceram.

O trabalho ainda na infância era inevitável para ajudar no sustento de toda família. Afinal eram filhos de famílias humildes da zona rural de Conceição do Coité, Povoado de Patos. Ambos analfabetos, afinal apenas o fato de desenhar o nome quando solicitado, não os torna pessoas alfabetizadas, porém, pessoas letradas!! A verdade é que eles não puderam estudar uma vez que todo o tempo do dia deveria ser dedicado ao trabalho para sustentar a família numerosa, como quase todas da zona rural.

Meu pai, Seu Salvador Silveira de Brito, sempre foi um homem muito rígido tanto com filhos quanto com a mulher. Homem de poucas palavras, porém, era a autoridade da família e suas decisões nunca poderiam ser contrariadas. Bem ao modelo de família patriarcal que remonta à época do Brasil colônia cujo núcleo familiar era a figura paterna (o chefe, o patriarca) que se configurava como seu alicerce, a sustentação de sua estrutura social interna (FREIRE, 1973).

Descrevo meu pai como um homem inteligente, à frente de seu tempo, muito sério, honesto, extremamente educado, apesar da pouca escolaridade que

tinha, pois ele nos dizia que frequentou a escola apenas um ano. Segundo ele, aprendeu a ler e escrever em casa mesmo, sozinho, principalmente matemática. Ele faz conta muito rápido. Afinal, as situações do cotidiano o obrigava a ter que fazer a “leitura” de tudo ao seu redor para se comunicar e negociar com a vida. Meu pai era um homem que trabalhava no plantio de feijão e mandioca, para fazer farinha. Ele também tinha um motor de sisal que possibilitava a ele próprio fazer o tratamento do sisal para venda. O que lhe dava um dinheiro a mais do que apenas coletar o sisal na plantação.

Figura 1. Motor de sisal de seu Salvador, meu pai.



Fonte. Arquivo pessoal.

Portanto, a necessidade dos afazeres do cotidiano, no trabalho, na feira, na roça, na negociação do sisal, tudo isso o obrigava ao letramento social. Ele se concentrava nas práticas sociais específicas de leitura e escrita do mundo em que vivia e vive. Bem ao modelo “ideológico” de letramento de Street (2014), o

qual ressalta o processo de socialização na construção do significado do letramento para os participantes.

Minha mãe, D. Zenaide Pinto de Oliveira, seguia quase rigorosamente os caprichos as ordens do meu pai. Mãe de 9 filhos, dona de casa, aquela que criava os filhos, no sentido visceral da palavra, aquela que cuida desde o nascimento à idade adulta, era quem dava conta de fazer existir a família. Pois, era ela, uma mulher negra, analfabeta, mas letrada, que para além da criação e educação dos filhos, era quem cuidava de todos os afazeres domésticos, como cozinhar, lavar, limpar a casa, além de trabalhava na lavoura e no motor de sisal, contribuindo com o sustento financeiro da família. E só depois que as filhas mulheres cresceram é que ela passou a dividir os afazeres domésticos conosco.

Tenho boas memórias do período que vivi com a minha mãe, Dona Zenaide, que além de trabalhar ela se interessava pela educação dos filhos e sua grande preocupação era que a gente estudasse. Apesar do meu pai, seguindo a cartilha de seus pais, para os quais os filhos deveriam começar a trabalhar logo cedo para ajudar no sustento da família, a educação escolar era algo desnecessário. Minha mãe, ao contrário, sempre tentou quebrar essa regra passada de gerações como a “forma certa” de educação e criação dos filhos. Ela queria que tivéssemos um destino diferente do que eles tiveram. E a escola era a única maneira para que isso acontecesse.

Ela conseguiu convencer meu pai de que era possível que nós estudássemos e trabalhássemos sem que isso viesse a comprometer a manutenção da renda familiar. E assim aconteceu. Aos nove anos eu entrei para escola, na alfabetização, pois essa era a série que as crianças do povoado de Patos ingressavam na escola. Contudo, por diversas vezes via minha mãe aflita e não entendia na época qual o verdadeiro motivo de sua aflição. Hoje, puxando pela memória e fazendo uma análise do que acontecia, percebo que era a dificuldade de nos manter na escola, uma vez que todo o material escolar era comprado, bem como o fardamento exigido pela escola. Ela não podia deixar que meu pai percebesse tais dificuldades muito menos que faltasse dinheiro para manutenção da casa.

Assim foi a vida de minha mãe, contrariando a saga das mulheres de sua época e lugar cujas únicas funções permitidas eram de mãe e esposa que aceitavam sem reclamar todas as imposições dos maridos. Ela seguiu, mesmo

que de forma um tanto quanto sutil, as poucas mulheres que driblaram a oposição e resistência dos homens e buscaram permitir que os filhos tivessem uma vida melhor (ANDRADE; APOSTOLOS, 2021).

Minha mãe foi uma dessas mulheres que lutou para conquistar muitas coisas e romper com um sistema patriarcal, pois, mesmo diante do comportamento do meu pai de que só a palavra dele valia, ela conquistou seu espaço como mulher.

Durante muitos anos, no Brasil e no mundo, a educação não foi algo importante para a formação das mulheres, prova disso é que, como afirma Fernanda Fernandes (2021, s.p.), “as mulheres ingressaram na escola tardiamente e com formação voltada para os cuidados com o lar e a família”. Segundo a autora, essa forma de pensar a educação feminina é decorrente do pensamento darwiniano de que as mulheres eram intelectualmente inferiores. Fernandes (2021) afirma que, no Brasil Colônia, versos como “mulher que sabe muito é mulher atrapalhada”, “para ser mãe de família, saiba pouco ou saiba nada”, “a mulher honrada deve ser sempre calada” e “mulher que sabe latim não tem marido, nem bom fim” eram muito repetidos.

Nota-se frente a esses aspectos que o lugar da mulher determinado pelo patriarcalismo era de um ser passiva, sem capacidade intelectual, frágil, submissa e destinada a procriar, cuidar da organização do lar, este era o papel imposto e determinado ao qual a mulher tinha que exercer. Esse discurso machista trouxe consequências brutais para a imagem feminina, de modo que, foi e é preciso muitas lutas e reivindicações para conquistar espaços e direitos que lhes foram e são negados. Com tudo, diante de tantas dificuldades, minha mãe desempenhava o trabalho com muita dignidade.

3.1 MINHA INFÂNCIA E MINHA FASE INICIAL DE ESCOLARIZAÇÃO

O título deste trabalho indica que o eu-narrador desta escrita é Joelma Oliveira Brito. E, ao se dizer eu, preciso que todos entendam que há um sujeito com histórias e experiências por trás dessa palavra. Nasci na cidade de Conceição de Coité, que fica há mais de 211km de Salvador – capital da Bahia. Conceição do Coité é uma das cidades que compõe o Território do Sisal, onde

a fibra do sisal mantém a grande maioria do sustento de sua população (BAHIA, 2017; SERPA, 2015). Talvez por isso se dizer que o povo dessa cidade é um “povo de fibra”.

Eu me considero uma “mulher de fibra”: da “fibra” do sisal de cujo fio se produz uma das cordas mais rígidas do mundo; e da “fibra” simbólica que constitui minha força e determinação de enfrentar os obstáculos que a vida, por vezes, me impôs.

A minha infância foi marcada pela falta de oportunidades sem ter o direito de brincar, de ir para “escola” nas idades iniciais da infância como recomendado pelo Conselho Nacional de Educação de quatro anos para o primeiro ano da pré-escola e de seis anos para o primeiro ano do ensino fundamental. Na comunidade em que eu moro, as crianças só começavam a ir para a escola a partir dos 7 anos de idade, por isso a minha ida para escola foi tardia. Da Escola Antônio Oliveira Barros, a primeira escola onde estudei e fiz o Fundamental I, pouca coisa me lembro no que diz respeito ao ensino em si. Lembro-me do fardamento azul em mescla e do percurso que tinha de fazer para chegar até lá.

Figura 2. O prédio da Escola Antônio Oliveira Barros, primeira escola que eu estudei.



Fonte. Arquivo pessoal.

Estudava no turno matutino, disso também me recordo por causa do sol que me incomodava ao subir a ladeira. Afora isso, há algo de que tenho uma bela e entusiasta recordação: a minha primeira festa de São João da Escola³. Eu me sentia feliz e sinto a mesma alegria ao rever os registros em fotos (em preto e branco) e das lembranças do dia das mães que ainda tenho a lembrancinha guardada até hoje!

Figura 3. Lembrança do Dia das Mães na Escola do Fundamental I.



Fonte. Arquivo pessoal.

A minha infância foi marcada por vários obstáculos, pois naquela época, os meus pais não tinham condições financeiras para dar aos filhos todo o direito que uma criança tinha que ter, ou seja, brincar e estudar. Com isso, logo aos 9 anos de idade eu tive que trabalhar para ajudar no sustento da família. KRAMER (1984), pontua que:

A ideia de infância, como se pode concluir, não existiu sempre, e da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que muda a inserção e o papel social desempenhado pela criança na comunidade. (KRAMER, 1984: 19).

³ As fotos do São João eu só via das minhas colegas que os pais tinham máquina fotográfica.

Segundo LINHARES (2016), o papel da família ao longo dos séculos, a correlação entre família, criança e escola, ocorre de maneira complexa, justificada por séculos de história, em que, a criança não teve lugar específico na estrutura familiar, foi vista como “um adulto em miniatura”. E assim foi quando criança, “um adulto em miniatura”.

Quando comecei a frequentar a escola, eu já conhecia algumas letras do alfabeto, pois meu primeiro contato com elas se deu em casa. Apesar de não termos livros, jornais, revistas, sempre que podiam, meus irmãos mais velhos me ensinavam as primeiras letras, os primeiros números, mesmo sem saber ler muito bem. Contudo, foi na escola que, com a frequência da leitura, consegui reconhecer todas as letras do alfabeto e isso era uma alegria para mim. Acredito que nesses primeiros anos já despertava em mim o desejo de frequentar a escola, algo que só foi possível aos 7 anos de idade.

Era muito importante aprender todas as letras do alfabeto e conseguir ler, mesmo que pouco, porque somente sabendo fazer isso eu poderia começar o meu processo de alfabetização até chegar à cartilha, que seria a continuação da aprendizagem, para somente depois começar a juntar as letras no processo de leitura.

Para tanto, como já mencionei, de início, eu trabalhava no campo, estudava pela manhã e trabalhava à tarde no plantio. Com o passar do tempo, eu fui estudar pela tarde para que minha mãe pudesse trabalhar no motor de sisal. Quando minha mãe ficava em casa, eu ia trambalhar no motor de sisal. Acredito que essas situações geraram um impacto negativo e atrapalharam diretamente o meu desenvolvimento não só nos estudos, mas também emocional. Toda criança deveria poder ter o direito de gozar de uma infância em sua plenitude não só no escrito do papel das leis. Que as famílias brasileiras pudessem possibilitar às suas crianças uma infância plena.

Voltando à minha vivência na escola, todas as quintas-feiras, além das orações nós hasteávamos a bandeira do Brasil e cantávamos o Hino Nacional. Também na semana da Pátria, em setembro. Ao estudar português no ensino fundamental I, no geral, inicia-se o processo de alfabetização. Os professores trabalhavam os conteúdos ligados às vogais e consoantes, fonemas da língua, leitura e compreensão de pequenos textos. As demais disciplinas (matérias, como eram chamadas na época) eram trabalhadas com o livro didático.

As aulas eram relacionadas com os textos trabalhados em sala de aula e a gramática normativa. O professor trabalhava o conteúdo do livro didático e solicitava atividade da página seguinte, para que o aluno começasse a se expor pelo universo dos verbos, substantivos, adjetivos e pronomes e tantas outras classes de palavras. Sempre que eu podia, eu estava lendo de forma “precisa” os conteúdos de Gramática Normativa e Interpretação de Textos, pois só assim era possível eu aprender mais rápido a ler e entender o que eu lia. Pelo menos era o que as professoras nos diziam. Sendo assim, sempre que eu tinha tempo, eu ficava fazendo as leituras dos textos, desde um “textão” ou leitura no livro didático.

Então durante as aulas, as professoras, além de explicar o conteúdo dado em sala de aula, elas passavam exercícios e os resolviam na sala. Além de passar tarefas para casa. Assim, elas nos ajudavam a compreender melhor os assuntos dados na sala de aula, conseqüentemente, nos preparavam para as provas e outros trabalhos que tivéssemos na escola. As aulas de português foram ainda mais importantes, pois essa fase da vida escolar é a reta final de preparação para o uso tanto na escrita como na oralidade.

Assim, é muito importante entender o sentido das palavras de um texto para compreender o que está sendo dito. Na escola, se o aluno não sabe o conceito de uma palavra, ele tem que procurar saber para conseguir alcançar um bom domínio sobre o texto. E, foi através da leitura que pude desenvolver a técnica da escrita. Como diz Cafiero (2005):

A leitura é uma atividade tão presente e corriqueira que talvez seja por isso mesmo que nem sempre tenhamos consciência de sua importância. Por exemplo, para nos movermos pela cidade e chegarmos ao destino certo, vamos nos orientando pela leitura de muitos textos como os das placas das ruas e avenidas e as indicações escritas no painel dos ônibus. Nesse movimento, vamos nos convencendo e nos deixando seduzir pelos outdoors, por impressos de propagandas distribuídos em cada esquina, por cartazes e faixas afixados; ou nos indignando com pichações que degradam muros e bens públicos. Lemos também ao abrir um armário para selecionar um remédio e na investigação de sua bula; no supermercado, lemos ao buscar por um alimento que tenha mais valor nutritivo e menos calorias, por exemplo. (CAFIERO, 2005, p.08).

Portanto, a meu ver, as aulas de português têm um valor vital na vida das pessoas. Mesmo quando tinha a necessidade de lê uma bula de remédio em

casa, os rótulos dos produtos que usamos em casa ou mesmo quando precisava interpretar uma leitura de textos em livros é que eu me dava conta da importância da leitura formal, isto é, de decodificar as letras e palavras, interpretar e compreender os textos que fazem parte do mundo a nossa volta. Isso pode parecer tão comum e natural para as pessoas para quem as práticas de leitura e escrita é algo corriqueiro que elas nem se dão conta do mundão de brasileiros e brasileiras que não tem acesso a essas práticas. Uma população que está à margem desse universo meio que seletivo de indivíduos. Hoje, sei que sou uma privilegiada por fazer parte desse seletivo grupo de alfabetizados e letrados. Aliás, do grupo de universitários/as, mas isso vou falar mais adiante.

Uma prática de leitura muito comum para mim era ler os textos dos livros escolares, os livros didáticos. Sempre que eu tinha tempo eu ficava fazendo interpretação diversos tipos de linguagens, desde um “textão” aos quadrinhos e textos menores que compunham o livro.

Bagno aponta que os livros didáticos avançaram muito no que diz respeito ao preconceito linguístico e à variação linguística, propondo o respeito à diversidade cultural. Contudo, o autor também aponta que há uma exacerbação da norma culta que acaba anulando esse discurso progressista em relação às variáveis linguísticas. Sobre esta questão, Bagno evidencia que:

São em números reduzidíssimos as coleções que descartam inteiramente a nomenclatura tradicional e as análises morfológicas/sintáticas, para favorecer no lugar delas, o letramento dos aprendizes por meio da leitura, da escrita e da reflexão sobre a linguagem a partir de usos reais. (BAGNO, 2015, p.113)

Percebe-se, assim, que todas as variedades linguísticas são adequadas para atender às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes de modo geral, e as marcas de variações são estruturadas a ponto de sistematizar as necessidades dos seus falantes com relação aos seus princípios.

É importante enfatizar o que diz Marinho e Val (2006, p. 27), em uma de suas falas, destacando que as variações linguísticas “por muito tempo foram consideradas no contexto social como uma deficiência do uso da linguagem, sendo julgadas erradas, pois desviavam-se das normas linguísticas socialmente disseminadas nos bancos escolares”. Nesse contexto, muitos estudos foram e

continuam sendo feitos para discutir as causas das variações linguísticas, por meio de um relevante estudo que prioriza a variação.

4 O VÁCUO EDUCACIONAL: Um Período sem Perspectiva

Este é um período que ainda me traz dores, memórias que gostaria de apagá-las. Mas, com a maturidade, aprendi que também precisamos viver nossas dores para aprendermos lidar com elas. Não para que elas nos machuquem quando lembradas, mas, para que saibamos o lugar delas em nossas vidas.

Ao resgatar essa dimensão da minha vida a partir das narrativas de cada momento, tendo a memória da infância como ponto de partida, me vejo retomar e reforçar a condição da vida. Minha vida é permeada por ausências. E a ausência da escola nesse período da minha vida deixou uma lacuna, um vácuo!

Desde muito jovem sempre trabalhei para ajudar no sustento da casa. Vivenciei a labuta do campo durante toda minha infância e adolescência, e toda a minha vida. Tive e tenho contato com animais e aprendi de tudo um pouco sobre como é o trabalho rural e ser uma pessoa honesta, cresci e comecei a correr atrás dos meus objetivos, trabalhando e ajudando minha família sempre no que podia nas tarefas da roça, mesmo passando por momentos difíceis.

Com isso, a minha juventude foi uma juventude marcada por vários desafios, como informalidade, baixa remuneração, precarização da relação de trabalho e dificuldade de conciliação entre estudos, falta de oportunidades e de condições, seja em termos de educação, formação profissional ou inserção e participação no mercado de trabalho.

Digiácomo (2011) assegura que a necessidade de trabalho do aluno é uma das causas da evasão escolar, sendo esta uma forma de completar a renda em casa. Destaca também a baixa qualidade de ensino, que desmotiva o indivíduo, fazendo-o desistir de frequentar as aulas. Sendo assim, podemos vincular o abandono escolar a desmotivação e repetência do aluno, além da falta de vínculo com as matérias, e conteúdo, que são notados pelos adolescentes em situação de vulnerabilidade.

Muitos autores apontam que a família é um dos fatores determinantes da evasão escolar, seja pelas condições econômicas ou até mesmo pela falta de motivação e até de interesse na vida educacional dos filhos. Brandão et.al. (1983) conclui que muitas famílias com o descaso com a escola e pelas condições de vida não contribuem para encorajar os filhos na sequência dos

estudos. Ainda segundo Brandão et al. (1983, p.14), “o fator mais importante para compreender os determinantes do rendimento escolar é a família do aluno, sendo que, quanto mais elevado o nível da escolaridade da mãe, mais tempo a criança permanece na escola e maior é o seu rendimento”.

No meu caso, a necessidade de ajudar na renda familiar foi preponderante para que eu não continuasse meus estudos o Fundamental II. Eu trabalhava de sol a sol no motor de sisal, de terça à sexta. E o sábado era dedicado a lavar roupa e arrumar a casa. Descanso só no domingo. Ah, na segunda-feira eu não ia para o motor, mas tinha que trabalhar no campo, capinando no plantio de mandioca, feijão e milho. E o que ganhávamos, infelizmente, só dava para o sustento da família.

Para Lourenço (2013, apud Sampaio, 2018), com a qualificação reduzida, com a ausência ou baixa escolaridade, o destino dos jovens provavelmente envolverá, empregos precários, o que contribui para o processo de exclusão social, e o coloca em situação de vulnerabilidade e dependência. Com os jovens fora das escolas, entrar no mercado de trabalho torna-se mais um desafio, fazendo com que os jovens encontrem trabalhos com baixos salários, e sem perspectiva de crescimento, o que gera ainda mais desmotivação e conseqüentemente aumenta a desigualdade no nosso país.

É importante eu acrescentar aqui que, durante anos sem perspectiva de vida, eu tinha apenas o trabalho informal. No entanto, a minha vida ia se caracterizando por uma sensação de que para conquistar algo de melhor eu teria que quebrar as barreiras daquela rotina que me aprisionava e me deixava sem qualquer perspectiva de futuro. Sem uma coerência entre o trabalho, a remuneração e minha educação, e um futuro melhor cada vez mais distante, eu resolvi me dedicar ao artesanato como forma de complemento de renda.

Eu comecei a fazer vassoura de palha, aprendi sozinha, embora minha mãe fizesse. Mas ela nunca me ensinou. E antes de eu aprender vendo ela fazer, uma das minhas irmãs começou a fazer. Então, um dia, eu peguei o material, me sentei na casa de farinha e comecei a tecer a vassoura. Só, então, quando minha mãe me viu já quase fazendo, ela me ensinou a terminar. Daí eu aprendi e fui fazendo aos poucos.

Figura 4. Fazendo a vassoura de palha.



Fonte. Arquivo pessoal.

Hoje eu faço para entrega, não muitas porque eu não tenho material suficiente para fazer a quantidade dos pedidos dos clientes. Para fazer a vassoura de palha é necessário muito tempo para poder fazer, pois todo o material passa por um processo trabalhoso para depois tecer a vassoura: primeiro tira as palhas (pindobas) verdes; depois coloca ao solo para que o sol seque; depois despalhamos e em seguida, com uma faca, abrimos ao meio (lascamos a palha como se diz aqui) para só depois costurar.

A palha é um produto que tem importância no Nordeste, principalmente na produção artesanal. Aqui em nossa região, o artesanato com palha também tem muita aceitação, tanto na produção quanto na venda. A atividade artesanal com a palha pode originar em vários produtos como “bocapiu”, “sacola”, chapéus, bolsas, vassouras, esteiras e até na cobertura de casas.

O trabalho de corte é árduo e oferece sérios riscos: as pindobas podem cair sobre os olhos com alta velocidade, podendo, inclusive, causar lesões

sérias. Ao realizar a operação de retirar, a gente puxa a pindoba em sua direção, o que aumenta a probabilidade de a folha cair sobre nossos olhos e provocar acidentes, inclusive cegueira. Apesar dessas desvantagens e riscos, o manejo e a prática fazem com que ganhemos mais experiência e assim conseguimos uma boa produtividade.

Durante a coleta, as folhas das pindobas são separadas em “olho”, que são as folhas mais novas, ainda fechadas, e “palha”, que são as folhas mais velhas, completamente abertas. sendo o primeiro mais valorizado por conter mais resistência e produzir uma cera de melhor qualidade.

O transporte das pindobas até chegar em casa pode ser feito no ombro ou no carro, dependendo da localidade. A coleta é dura, em média, 8 dias, no período do verão (em que não há ocorrência de chuvas). A operação de secagem é demorada (dura entre seis e doze dias) e é feita no chão. Já no período de inverno, dura 15 dias ou mais, principalmente no manuseio das folhas verdes. Após secarem ao sol, é preciso retirar as sementes. A palha é acomodada nas formas para que a vassoura fique forte e resistente, sendo necessário encher o seu formato.

A produção é comercializada através de encomendas para as cidades circunvizinhas e, também, para a feira livre realizada em Ceará-Mirim aos sábados. A média de preço varia de R\$ 8,00 (oito reais), por unidade depende do produto fabricado, que pode ser espanador, vassoura ou vassourão ou vassoura de vasculhar a casa. Na dúzia a venda fica por R\$ 80,00 (oitenta reais). Embora a vendagem não seja muita, eu consigo fazer entrega em dúzias, para mercadinhos da região o que me rende um dinheirinho.

Bem, voltando ao tempo que denominamos⁴ de Vácuo Educacional, o período em que fiquei longe da escola, não foi nada fácil. E eu não posso terminar esta seção deixando a impressão de que o trabalho supriu minha carência da escola. Ao contrário, foi exatamente o trabalho que me tirou da escola. Mas eu tinha que seguir em frente. Os anos foram se passando e a menina foi se tornando mulher. E eu, mulher, aos vinte e cinco anos, resolvi tomar as rédeas da minha vida de novo. Foram doze anos longe da escola!! Na próxima seção, falo de como foi meu retorno à sala de aula.

⁴ Digo nós, porque foi uma construção minha com meu orientador. Eu contei a ele e ele me disse: “então tem um vácuo nessa sua história educacional”. E assim concordamos que fosse denominado esse período.

5 DO EJA AO ENSINO MÉDIO: DE VOLTA À ESCOLA

Foi na Escola Daniel Silva, que pude estudar e terminar o Ensino Fundamental II. O sistema de ensino era a EJA, Educação de Jovens e Adultos. É uma modalidade de ensino voltada para jovens acima de 15 anos que não concluíram o Ensino Fundamental I e II e adultos que buscam uma maior escolaridade e, conseqüentemente, melhores oportunidades de trabalho.

Mas deixa eu detalhar como foi essa parte de minha história. Aos 25 anos de idade, surgiu uma classe de EJA, na Escola Daniel Silva, aqui próximo de onde eu moro. A diretora conversou comigo e outras pessoas, para que a gente voltasse à escola para completar a classe, já que os jovens alunos eram poucos e a escola não tinha como formar uma turma só com aquela quantidade de alunos. Era necessário, então, buscar os adultos que, por alguma razão, não puderam concluir seus estudos durante o dia.

Quando recebi aquele convite foi como a volta da luz escolar na minha vida. Eu poderia enfim voltar às aulas, à escola. Meu “sim” à diretora foi imediato. Nem pensei muito. Era a minha chance de voltar aos estudos.

E as aulas começaram! Lá estávamos nós, um bando de adultos no meio daquela criançada. Quer dizer, a verdade é que não eram crianças mais. Mas, para nós, aqueles jovens eram muito jovens!! Não foi fácil no começo. Mas a gente teve que se adaptar.

Mas, claro, que a experiência na EJA nem de longe vai se comparar com o vácuo no meu aprendizado, ou seja, o tempo em que fiquei fora da escola. Contudo, apesar de todos os problemas, eu nunca perdi a esperança de que um dia eu poderia dar continuidade aos meus estudos. Faria et. al.(2021) em seu texto a precarização e a (des)profissionalização docente na educação de jovens e adultos trabalhadores, pontuam que:

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino diversa em relação à educação regular. A diferença mais evidente entre tais modalidades de ensino é o público ao qual cada um se dirige(FARIA, et. al. 2021).

Ainda para Farias et. al. (2021), diz que a EJA é uma modalidade de ensino determinada pelo contexto de exclusão, construída juntamente com a

história da educação brasileira. Então eu não pensei nas dificuldades que eu iria encontrar pela frente, pois eram muitas, mas eu não queria perder essa oportunidade.

Naquele instante fiquei muito feliz por saber que voltaria a estudar depois de 12 anos fora da escola, retornar para mim era uma muito importante.

Aparentemente, no meio social, as concepções de EJA e de ensino supletivo conflitam-se. Muitos consideram a EJA uma forma mais rápida de terminar os longos estudos do ensino fundamental e médio. Essas ideias constroem um ideal de “atalho” para os estudos e ignoram todo o processo de ensino-aprendizagem e formação subjetiva que essa modalidade de ensino carrega (FARIAS et. al. 2021).

Nesse período, tudo era muito mais difícil para mim, porque tinha que trabalhar e estudar e eu comecei a perceber o quanto isso era difícil, pois, na turma que eu frequentava, os alunos eram poucos, além disso, os alunos não frequentavam direito, faltavam muito por razões de trabalho ou cansaço. Apesar das dificuldades que eu sabia que enfrentaria, todos os dias, após o encerramento das atividades na escola: o trabalho, o cansaço, eu não desisti de frequentar a escola. Pois eu sabia que, se eu desistisse, eu não conseguiria concluir o Ensino Fundamental II, para então dar início ao Ensino Médio.

Minha condição de voltar a estudar se era possível se fosse à noite. Porque, como descrito nas palavras anteriores, eu tinha que trabalhar, então optei pela EJA por ser em menos tempo e à noite, porque, assim, em um ano e meio eu já poderia cursar o Ensino Médio.

Hoje, com a experiência e com o conhecimento que adquiri na universidade, posso dizer que o ensino na EJA é muito “fraco”, em muitos aspectos. Na época, eu não tinha ideia do quanto o ensino da EJA era inferior ao ensino das salas regulares. Os conteúdos eram resumidos, ou melhor, pouquíssimos conteúdos. Para se ter uma ideia, tinha professor que nem era licenciado, era arquiteto, por exemplo, e dava aula de disciplinas que nem eram de sua área. Os professores, no geral, por alguma razão que desconheço, não colocavam falta nos alunos que faltavam para que eles não fossem reprovados. Confesso que eu estranhava tudo isso. Entretanto, com a visão de ensino-aprendizagem que tenho hoje, me apavora pensar em tudo que os alunos

vivenciam sem ter a mínima ideia do quão deficiente é o processo de ensino-aprendizagem em que estão inseridos.

As demandas e anseios dos sujeitos da EJA devem ser o ponto de partida, e isso significa: construir com eles e não para eles. Até pouco tempo atrás, prevalecia a ideia de que gente da roça não carecia de estudos. A afirmação servia para justificar os baixos investimentos educacionais e econômicos no campo. Assim, o ensino ficou restrito à alfabetização ou à qualificação profissional para atender à necessidade de mão-de-obra.

Uma das maiores dificuldades por que passei era que o transporte escolar não passava por minha casa já que eu morava distante do povoado. Então, eu tinha que ir a pé para a escola e retornar às vinte duas horas, tendo que andar até 2k de distância, na maioria das vezes, sozinha. Sozinha, à noite, era muito complicado. Às vezes, minha mãe vinha me encontrar, outras vezes meu irmão, que estava no povoado, me esperava ou então minha irmã vinha comigo e ficava me esperando para eu não voltar sozinha. E eu agradeço a eles por isso! Foram 2 anos nessa mesma agonia. Porém, eu não desisti, até porque, eu queria terminar pelo menos o ensino fundamental II. Até então, não sabia como, mas pensava em dá continuidade ao Ensino Médio.

Eu não tive muita dificuldade na EJA, apesar de ter ficado muito tempo sem estudar por conta de que eu tive uma boa base nas series iniciais eu já tinha um bom desempenho em relação ao aprendizado, pois eu gostava de brincar com os meus irmãos com livros fazendo de conta que estava estudando.

Além disso, as aulas eram trabalhadas dentro do padrão que os alunos não tivessem dificuldades de “aprender”, ou seja, a meu ver, “decorar”. Eram cinco 5 matérias, sendo 3 horários de uma só matéria e 2 nos últimos horários e cada aula tinha 50 minutos. Essas aulas eram trabalhadas exclusivamente no livro didático, onde se trabalhava o conteúdo e as atividades. A meu ver, não se tinha perspectiva em relação ao desenvolvimento do aluno. Não era trabalhada a parte teórica dos assuntos; nós não éramos solicitados a ler o livro, nem uma obra literária de qualquer autor. Não escrevíamos um resumo, nem um texto, muito menos uma redação para que pudéssemos desenvolver a habilidade da escrita. Como também não nos era cobrada leitura. O interesse era só enfatizar o trabalho e a valorização da comunidade.

Apesar de tudo, foi a EJA que me possibilitou dar continuidade aos meus estudos, passar para o Ensino Médio e conseguir entrar na faculdade. Com o passar do tempo, a turma foi se entrosando, as diferenças de idade já não importava e enfim conseguimos concluir aquela etapa de estudos.

Figura 5. A minha turma da EJA.



Fonte. Arquivo pessoal

O Ensino Médio já não foi em comunidade, tive que ir para a cidade e não tinha como ir à noite, então, eu optei por fazer o Ensino Médio no turno vespertino. Assim mesmo deixando de trabalhar, eu trabalhava no período da manhã e estudava no período da tarde. Contudo, quando comecei a assistir às aulas, foi uma surpresa para mim, pois me deparei com vários aspectos que eu tive na EJA. Inicialmente, eu ficava pensando: será que eu vou conseguir ir adiante? Pois eu percebi que não tive nenhum preparo ou base para os conhecimentos que eu estava sendo cobrada. Primeiro porque era um Ensino Médio no modelo regular, isto é, sem qualquer tipo de diferença ou privilégio para com a turma.

Então, por algum tempo me vinha à cabeça a dúvida se estava fazendo a coisa certa ou se estava apenas perdendo tempo com esses estudos. Fiz o 1º ano, o 2º e o 3º anos separadamente. Entrei no Ensino Médio no ano de 2004

com as mesmas dificuldades de antigamente em relação ao transporte para chegar ao colégio. O transporte escolar só ia até o povoado e como eu não morava no povoado, tinha que me deslocar a pé para poder ir para o colégio. Eu saía de casa às 12h, ao meio-dia, e quando chegava já era tardezinha.

No primeiro ano a professora se preocupava muito com os alunos porque a maioria era da zona rural. Eu estava sempre atenta aos conteúdos e buscava outras formas de melhorar o meu aprendizado e compreensão dos assuntos que eram trabalhados em sala de aula. As aulas de português eram trabalhadas de forma que todos os alunos que tinham dificuldades pudessem compreender.

Já no segundo ano do ensino médio, eu já tinha bons conhecimentos, já tinha também uma noção de como eu fui prejudicada com a falta da escola, como a minha cognição foi devastada por conta de tanta injustiça que a vida me trouxe. E foi a partir daí que eu tive a oportunidade de conhecer obras de autores, principalmente autores baianos como Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro entre outros. Inclusive “capitães de areia”, de Jorge Amado, foi o primeiro livro de literatura que eu li. A partir daí que eu pude compreender o que é uma obra literária. Contudo, eu percebi que ainda não tinha habilidade de analisar uma obra literária criticamente.

O terceiro ano do Ensino Médio foi um ano muito difícil para mim, pois passei por uma experiência que não esperava, ou seja, mais uma dificuldade. Essa, na verdade, não tem nada a ver com escola, trabalho ou transporte. No início do ano de 2006 eu adoeci e fui diagnosticada com diabetes tipo 1. Naquele momento eu não tinha nenhuma ideia do que era diabetes. Só sabia que era uma doença, porém não tinha nenhum conhecimento sobre essa doença. Passei vários dias internada no hospital Cleryston Andrade, em Feira de Santana, e quando retornei para casa, há uma semana as aulas iniciaram e eu não tinha condição alguma de ir para a escola, passei uns 15 dias sem assistir aulas, porque a doença me deixou muito debilitada.

Logo, quando eu retornei às aulas, eu já não tinha aquela certeza de quanto à minha permanência nos estudos, pois a minha glicose não controlava e só ficava alta, sem contar que eu tinha que ir ao médico até duas vezes por semana. Eu ficava muito cansada, tinha que tomar insulina e cuidar da alimentação. Foi outro período muito difícil mesmo. Mas, o apoio da família, dos amigos e dos colegas foi o que não me fez desistir.

Quando concluí o Ensino Médio, fiquei muito feliz, pois sabia que era uma conquista muito importante, tendo em vista que na minha família, somente eu e mais dois irmãos haviam conseguido isso. Os meus irmãos só estudaram até a 4ª série. Muito cedo, assim como eu, eles também foram obrigados pelo nosso pai a trabalhar no motor de sisal, deixando assim os estudos de lado.

Mas e agora, pensei comigo mesma. Terminei o Ensino Médio. Mas eu não estava mais trabalhando. E agora? Os estudos acabaram. O que eu vou fazer para trabalhar? Eu já podia mais trabalhar com o motor de sisal por causa de minha diabetes. Além do mais, eu percebi que mesmo eu tendo concluído o ensino básico completo eu sair da escola com uma deficiência muito grande. Eu não sabia fazer um texto corrido; fazer uma leitura crítica, não sabia fazer sequer uma redação de vinte ou trinta linhas, apesar de ter feito todo o Fundamental e concluído o Ensino Médio. Logo eu percebi o quanto eu ter parado os estudos aos 13 anos, ter ficado 12 anos fora da escola e só ter retornado aos 25, assim como ter feito o Fundamental II pela EJA.

Entretanto, o período em que eu estudei na EJA, eu vejo que tive uma carência de conhecimento por um lado, mas vejo que eu obtive uma visão de mundo que eu não tinha. O fato de estudar na EJA, mesmo com as dificuldades quanto aos conhecimentos necessários para as séries correspondentes, tem uma importância muito grande na perspectiva de conhecimento de mundo, conectando os conteúdos às práticas sociais e culturais, gerando aprendizados para toda a vida. E isso também atribui novos sentidos para o processo de construção de saberes, que cada vez mais torna-se fluido na minha formação.

6 MINHA FORMAÇÃO ADÊMICA: EU CHEGUEI NA UNIVERSIDADE.

Como já mencionei, venho de uma família composta de 9 filhos, sendo que nem todos tiveram acesso ao Ensino Médio, muito menos à universidade. Os mais novos tiveram a oportunidade de estudar até concluir o Ensino Médio, coisa que os mais velhos não tiveram. Além disso o caçula, Ademilson Oliveira Brito, teve o privilégio de estudar e concluir todo o ensino básico. E ele também foi o primeiro da família a entrar na universidade, UNEB, Campus XIV, Conceição do Coité, e concluir o ensino superior.

Mas por que falar do meu irmão mais novo, Ademilson? Porque, assim como ele, eu sou a segunda da família a entrar na universidade e concluir o ensino superior. E também na UNEB, Campus XIV, Conceição do Coité. Por causa da conclusão do curso que estou aqui escrevendo o meu TCC. Escrevendo a maior redação que já escrevi até hoje.

Ao me remeter ao estudo da minha autoetnografia, é possível considerar que uma de suas principais características é a busca da identidade do/a escrevente. Que no caso aqui sou eu. Uma mulher negra, dona de casa, de família pobre, guerreira e batalhadora, que nunca desistiu de seus objetivos. Tal qual Roberto Carlos, em sua canção, eu digo: Essa mulher sou eu. Meus objetivos foram conquistados a cada dia, consolidando minhas conquistas. Sou uma mulher casada com um homem negro, trabalhador do campo, assim como eu fui, e, analfabeto, mas letrado.

Mas deixe eu começar a contar minha história na UNEB. Aos quarenta anos, a vida me surpreende novamente, trazendo à tona o desejo de voltar a estudar e a perseguir um novo sonho, me tornar uma estudante universitária. Jamais imaginava nos meus inícios no Ensino Fundamental II, aos vinte e cinco anos, um dia entrar na universidade como aluna. E quando eu entrei na universidade, meu pai questionou novamente, dizendo que eu já estava velha, pra que quebrar a cabeça com estudo ainda. Mas eu até compreendo meu pai, ele estava seguindo a regra grande maioria do povo de nossa comunidade. Para quem os estudos não acrescenta nada!! Mas eu quebrei essa regra, eu fui na contramão da via única! E hoje estou feliz por isso!!

A minha entrada na universidade foi com muita luta. Após um longo período sem estudar, em 2011, foi então que comecei a fazer o cursinho pré-

vestibular e preparatório para o Enem “Universidade para Todos (UPT)”. A UPT poderia ser mais uma ajuda para que eu entrasse na universidade. Eu não tinha condições financeiras para pagar um cursinho e a inscrição para fazer o vestibular. Logo, a UPT, seria a única forma que me possibilitaria essa entrada. Mas fiquei muito triste, pois não consegui almejar o meu objetivo que era passar na prova do ENEM.

Eu não entendia bem como era o processo de ingresso no ensino superior, tanto que, mesmo matriculada no cursinho desde 2011, só fiz o ENEM a primeira vez em 2014, mas não tive uma boa nota nesse ano. Como fiz o cursinho durante cinco anos, fiz o ENEM outras vezes e mesmo quando tirava nota boa nas provas objetivas, eu não conseguia passar por conta da nota da redação que não era boa. Só no ano de 2017, foi que eu fui aprovada para o curso de Letras/Português aqui em Conceição do Coité. Foram sete longos anos tentando. Optei por Letras/Português em razão de ser na mesma cidade onde eu morava. Para uma pessoa que passou por tantas dificuldades para poder estudar, que trabalhou no motor de sisal e depois durante anos, conseguir ser aprovada em uma universidade pública já era uma vitória e tanto. Estava muito feliz, mas também sabia das dificuldades que enfrentaria, pois tinha 40 anos de idade. E 40 anos para recomeçar a estudar e ainda no ensino superior era um desafio e tanto.

Ingressei no ano de 2017.2, no curso de Licenciatura Letras Habilitação em língua portuguesa e Literatura, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, em Coité, Campus XIV, no turno vespertino,. A forma de ingresso ainda era através do Vestibular que a própria instituição promove e aplica em duas fases. Tão logo teve início o primeiro semestre letivo de 2017.2, fui imediatamente cativada pela turma e professores, digo isso por conta de a turma ser apenas de jovens, mas me acolheram com muita harmonia.

Quando cheguei na universidade, tudo era bem mais complexo, pois precisava aprender a procurar livros na biblioteca da instituição, bem como aprender a manusear o computador. Foi somente no ensino superior que comecei a ter contato com computador, internet, porque, até então, nunca precisei. Não sabia como fazer as pesquisas porque não tinha conhecimentos tecnológicos, nem acesso à internet na minha cidade. O mundo das tecnologias da informação e comunicação era para mim ainda desconhecido.

Na verdade, eu não tinha e-mail, eu sabia da existência de computadores, muito menos utilizá-lo como fonte de pesquisa, estudo e para se ter informações diversas. Eu tive muita dificuldade no início dos meus estudos e na minha graduação não foi diferente. Quando eu entrei na faculdade, eu vivia sem nenhuma expectativa de como era o ensino superior, portanto, eu me deparei com outra realidade. Eu já imaginava que encontraria muitas dificuldades, pois os professores do cursinho nos informavam dessa realidade, ou seja, a realidade do ensino superior. Mas, agora, pensando comigo mesma, eu acho que eu estava quase preparada.

Ao pisar na sala, pensei que estava no lugar errado, mas logo procurei pessoas com quem pudesse ter uma aproximação e aos poucos fui encontrando. Contudo, o sentimento de não querer voltar no outro dia para a sala era muito grande, por tudo que eu tinha passado, eu ainda me sentia incapaz. A universidade exigia muito de mim, uma senhora que não tinha contato com computador, não sabia o que era e-mail, nem seminário (na minha época tinha outro nome).

As pessoas que encontrei ao longo do caminho, me incentivavam para não desistir, e para prosseguir mesmo com todas as dificuldades. Entrar no ensino superior para uma mulher negra, aos seu 40 anos, vindo da zona rural, que lutou muito para concluir o ensino básico, não seria uma tarefa nada fácil.

No geral, toda a turma me acolheu, apesar de algumas poucas exceções. Eu me sentia bem acolhida na sala e isso me ajudava a continuar. Nas disciplinas mais difíceis, sempre tinha algum colega que se propunha a me ajudar a refletir sobre os textos. Outros diziam que não era pra eu desistir e também meu irmão Ademilson, que foi e é um alicerce para mim. Ele sempre me deu apoio e dizia para eu não desistir que eu iria conseguir, e, que não era necessário pegar todas as disciplinas que eram oferecidas nos semestres. E que não era obrigatório concluir o curso no período de 4 anos como é previsto. Eram essas atitudes de atenção, ajuda e cuidado que me faziam e fizeram continuar e chegar até aqui..

No entanto, ao longo das disciplinas, encontrei dificuldades que me obrigaram a trancar ou a desistir de algumas. Por exemplo, no 4º semestre, eu já estava bem cansada, porque até ali estava pegando todas as disciplinas. Contudo, eu não tinha mais a juventude da maioria de meus colegas e não conseguia acompanhar o ritmo deles. Assim, a partir do 4º semestre, comecei a

não me matricular em todas as disciplinas, pois estava ficando pesado para mim; sempre deixava 1 ou 2 disciplinas de lado.

Portanto, foi por causa dessa compreensão que atrasei a conclusão do curso, mas para mim foi muito bom, porque pude fazer no meu tempo. No tempo que era possível para mim. Por fim, para aquela menina da roça que estudou com toda dificuldade, era uma vitória poder concluir o ensino superior. E ter tido o apoio de várias pessoas, principalmente, do meu irmão Ademilson, será sempre um motivo de minha gratidão.

A convivência em sala de aula com os colegas não foi ruim, mas às vezes tinham alguns constrangimentos nas divisões das equipes de trabalhos e atividades que eram montadas pelos próprios alunos, porque eu era deixada de lado por alguns. Mas a vida me ensinou, desde o início de minha caminhada nos estudos que nada seria fácil. E como diz o ditado “Jesus Cristo não agradou a todos não seria eu a agradar”, acho que é mais ou menos isso!

A Universidade oferece aos seus estudantes sala de estudos, como a biblioteca, para que os seus alunos possam explorar e ampliar suas leituras, compartilhar e interagir uns com os outros o conhecimento. Também oferece vários programas de incentivo na pesquisa mediante orientação docente, assim como o interesse ao tema a ser desenvolvido na pesquisa e extensão.

O período na universidade sem dúvida foi um dos momentos mais ricos da minha vida. Foi uma fase de descobertas, de certa liberdade vivida intensamente. No decorrer do curso tive o prazer e a honra de conhecer muitos colegas, estudantes e professores, com os quais ainda mantenho uma relação próxima e respeitável, justamente porque compartilhamos muitas coisas em comum e que nos aproximam e nos identificam por sentimentos, respeito, sinceridade e afetividade.

Talvez o período da graduação em Letras tenha sido um dos melhores momentos da minha vida, repleto de inquietudes, descobertas, conhecimentos, dúvidas e conquistas. Digo isso, porque um novo mundo se abriu para mim, a partir do convívio com professores tão especiais e preparados e que me possibilitaram novas experiências e oportunidades, a partir das quais edifiquei a minha formação acadêmico-universitária no campo das Letras.

O curso de Letras me fez mergulhar no aprendizado da língua, seja ela a língua portuguesa ou línguas estrangeiras e em latim. Eu ainda sinto a

necessidade de aprender muito mais, pois além do curso exigir muito preparo de aprendizagem, eu venho de uma cultura de falantes não “cultos”⁵, com baixa escolaridade, o que não me proporcionou um convívio em um ambiente linguístico de familiaridade com a norma de prestígio. E eu, mesmo estando completando o nível superior, tenho comigo enraizado o falar popular da minha família repleto da variedade do português rural brasileiro. O estudo do Português é matéria obrigatória em todo curso. Mas aprender a norma padrão me fez aprender a conjugar verbo, achar o sujeito da oração, reconhecer o objeto direto e indireto, aprender a achar a sílaba tônica nas palavras, porque, embora fossem assuntos do ensino básico, eu não pude ver nada disso na escola.

A curso de Letras fez com que eu buscasse ampliar os horizontes do ensino de línguas, priorizando o estudo de conceitos gramaticais e analisando diferentes produções literárias.

Optei pela licenciatura na graduação de Letras não para me tornar uma professora, mas por conta de que eu não tinha outra opção, mas além disso, eu acredito que também porque eu precisava de novos conhecimentos. A partir da licenciatura eu espero ter mais qualificação e experiência acadêmica que me possibilite também um leque maior de oportunidades profissionais em minha vida.

Agora posso ver com muita clareza que o meu convívio na universidade me traz boas recordações: tive excelentes professores, foi um curso muito denso, estudava muito. Hoje percebo como foi importante essa instituição na minha vida, com uma formação importante e humanista, com a preocupação em cultivar os princípios éticos, o compromisso social, o exercício do espírito criativo e crítico. Sem dúvida, foram esses tempos de escolaridade, aliado à formação familiar, que fortaleceu a formação do meu caráter, do meu modo de ser pessoal e profissional.

⁵ Considerando “culto” o parâmetro da pesquisa Sociolinguística para definir os falantes com o nível superior completo para fins de análises linguísticas.

7 FINALIZANDO MINHAS ANDANÇAS

Como mencionei no início de minha fala, faço questão de reafirmar agora, sou uma mulher negra, embora só a partir de minha entrada na universidade que eu passei a me considerar uma pessoa negra, com muito orgulho! Eu não tinha o conhecimento, a noção e o reconhecimento de minha identidade negra. Mas, hoje, reconhecendo a minha identidade eu me reconheço negra.

As narrativas da autoetnografia são construídas por agentes com corpos vivos, expondo as rupturas e fissuras da existência homenageando as narrativas e histórias de sofrimento e experiências daqueles que, na maioria das vezes, ocupam a posição de “objetos” de pesquisa.

Logo, na tessitura do presente texto autoetnográfico em que sou autora e sujeito de minha pesquisa, compartilho o que é de mim com o outro, ao passo que relato minhas vivências, no processo de escolarização, resgatando da memória um percurso trilhado sob um sistema patriarcal, uma educação escolar elitista, um contexto de pobreza e repressão, de insistência na vida para a não desistência dela. Assim, me aproprio do meu lugar de fala, e me torno uma autora de 40 anos de idade que conquistou seu lugar no chão de uma universidade pública.

Para tanto, este discurso também tecido pela primeira pessoa do singular, é também uma narrativa científica capaz de gerar novas reflexões, e porque não dizer novas ações. Assim, auto narrar a minha trajetória de vida é tornar público através da palavra, a minha subjetividade, e neste processo de reflexão, pude me perceber uma estudante capaz de compreender o outro em suas particularidades, em suas dificuldades no processo de aprendizagem, em seu tempo e modo de aprender, em seu contexto, porque a narrativa da autoetnografia de formação não visa apenas uma questão cronológica, mas considera também a importância e a valorização dos acontecimentos para o processo formativo daquele que narra.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Tony. JONES, Stacy Holman. ELLIS, Carolyn. **Autoethnography**. Editora: Oxford University Press; 1ª edição, 2015.

ANDRADE, A. G. A.; APOSTOLOS, F. S. J. **A força e a atuação da mulher na APAEB** (Associação de Desenvolvidos Sustentável e Solidário da Região Sisaleira).

Disponível em: http://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1535593973_ARQUIVO_Artigoanpuh.pdf. Acesso em 17 jul. 2021.

ARIÈS, P. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AUGÈ, Marc. **El Sentido de los Otros: actualidad de la antropología**. Barcelona: Paidós, 2014.

BAGNO. M. Preconceito linguístico. São Paulo-SP: Loyola, 2015. 56ª edição.

BOSSLE, F.; NETO, V. M.; WITTIZORECKI, E. S.; DANIEL, J. V. **Autoetnografia: possibilidades de investigação e de formação no âmbito da Educação Física**. In: XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Anais... Salvador, BA, 20-15 set. 2009.

BRANDÃO, Zaia et alii. **O estado da arte da pesquisa sobre evasão e repetência no ensino de 1º grau no Brasil**. In Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 64, nº 147, maio/ago.1983, p. 38-69. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485895/Evas%C3%A3o+e+repet%C3%Aancia+no+ensino+de+1%C2%BA+grau/1f97fdff-020d-4689-8c56-84ffe37c6e91?version=1.0>. Acesso em: 04 de nov. 2020.

CAFIERO, Delaine. **Leitura como processo**: caderno do professor / Delaine Cafiero: - Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 68 p. - (Coleção Alfabetização e Letramento) ISBN: 85-99372-14-9

CHANG, Heewon. **Individual and Collaborative Autoethnography as a method: a social scientist's perspective**. In: JONES, Stacy Holmes; ADAMS, Tony E.; ELLIS, Carolyn (eds.). Handbook of Autoethnography. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2013.

DIGIÁCOMO, M. J. **Evasão escolar: não basta comunicar e as mãos lavar**. 2011.

Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/crianca_eadolescente/educacao/doutrinas_e_artigos/evasao_escolar_murilo.pdf>.

Acesso em: 07 de nov.2022.

FARIA, Edite Maria da Silva de. **O Curso Formativo dos Professores/pesquisadores da EJA na Contemporaneidade**. Artigo recebido em: 30/07/09 Aprovado para publicação em: 20/08/09

FARIA, E. M. S. BISPO, S. V. S. e GARCIA, E. E. B. **Políticas públicas de Educação de Jovens e Adultos**: Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 15, n. 32, p. 305-320, mai./ago. 2021. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>>.

FERNANDES, F. **A história da educação feminina**. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagensartigos/reportagens/14812-ahist%C3%B3ria-da-educa%C3%A7%C3%A3o-feminina>. Acesso 20 jun. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

JONES, S. H. **Autoetnografía**. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. (Coords.). Manual SAGE de Investigación Cualitativa volumen IV: métodos de recolección y análisis de datos. Barcelona: Gedisa, 2015.

JULIANA, Magalhães Linhares. **História Social da Infância**. 1ª edição Sobral/2016.

KRAMER, Sônia. **O papel social da pré-escola**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1986.

KOCK, K. F.; GODOI, C. K.; LENZI, F. C. **Discussão e prática da autoetnografia: um estudo sobre aprendizagem organizacional em uma situação de catástrofe**. Revista Gestão Organizacional, v. 5, n. 1, p. 93-106, 2012.

LOURENÇO, A.R.M. (2013). **Motivações na origem do abandono escolar – estudo de caso com jovens sinalizados na CPCJ de Castelo Branco**. Castelo Branco, Instituto Politécnico de Castelo Branco Escola Superior de Educação.

MARINHO, J. H. C e VAL, M.G. C. **Variação Linguística e ensino**. Belo Horizonte M G C Cede, 2006.

REED-DANAHAY, **Deborah. Autobiography, Intimacy and Ethnography**. In: Atkinson, Paul; COFFEY, Amanda; DELAMONT, Sara; LOFLAND, John, LOFLAND, Lyn (orgs). Handbook of Ethnography. London: SAGE, 2011.

SANTOS; Sílvio Matheus Alves. **O Método da Autoetnografia na Pesquisa Sociológica: atores, perspectivas e desafios**. In: PLURAL, revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP, v.24.1, p.214-241. São Paulo: 2017.

SRINIVASALU, Sumathi; SELLADURAI, Manjubarka; MATHAIYAN Muniraj. **interrelation Between Biography and Ethnography: cultural analysis as an experimental system**. In: Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, Salvador, v. 04, n. 12, p. 918-937, set/dez, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7541/4863>. Acesso em: jul. de 2023.

STREE, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** Trad. Marcos Bagno, 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.